

Cooperação internacional em Serviço Social: uma revisão de literatura

International cooperation in Social Work: a literature review

Maria Lúcia Teixeira Garcia*

Gary Spolander**

Resumo: Inseridas em uma experiência de cooperação internacional, nos propomos, neste artigo, a partir de revisão de literatura, refletir sobre o tema cooperação internacional no Serviço Social. Para isso, realizamos levantamento utilizando dois descritores: cooperação internacional em pesquisa e Serviço Social e cooperação internacional em pesquisa em Serviço Social (em inglês e português) nas bases de dados Scopus, Periódicos Capes e Google Acadêmico. Foram selecionados 16 artigos sem repetição. Exploramos as variáveis país de procedência, periódico utilizado e foco dos textos. Além disso, verificamos os relatórios de avaliação trienal (2004, 2007, 2010, 2013) e quadrienal da Capes (2017 e 2021). Os textos selecionados são majoritariamente em língua inglesa e com autores procedentes dos países centrais (Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido – 39%). O Brasil respondeu por 10%. O artigo enfatizou a internacionalização como um processo que faz parte do Serviço Social. Entretanto, as relações assimétricas entre os países centrais e periféricos repercutem sobre o fluxo desse processo, que engloba desde a delimitação do foco das pesquisas até as relações no interior das equipes, sendo mister adensarmos o debate no Brasil.

Palavras-chaves: Internacionalização do Serviço Social; Pesquisa internacional; Serviço Social.

Abstract: Inserted in an experience of international cooperation, we propose in this article, based on a literature review, to reflect on the theme of international cooperation in Social Work. We carried out a survey using 2 descriptors: international cooperation in research and Social Work and international cooperation in research in Social Work (in English and Portuguese) in Scopus, Periódicos Capes and Google academic databases. 16 articles without repetition were selected. We explored the variables country of origin, journal used and focus of the texts. In addition, we verified how Capes' triennial (2004, 2007, 2010, 2013) and quadrennial (2017 and 2021) evaluation reports. The selected texts are mostly in English and with authors from central countries (United States, Germany and United Kingdom – 39%). Brazil accounted for 10% (with north-south partnership productions and 1 by Brazilian authors). The article emphasized internationalization as a process that is part of Social Work. However, the asymmetrical relationships between the central and peripheral countries have an impact on the flow of this process, which ranges from the delimitation of the research focus to the relationships within the teams. It is essential that we deepen the debate in Brazil.

Keywords: Internationalisation of Social Work; International research; Social Work.

* Docente do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Psicologia Social (USP) e Pós-doutora em Política Social (UFES). Bolsista em PQ do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2672-9310>

** Doutor em Serviço Social. Professor do Departamento de Serviço Social da Robert Gordon University (Escócia). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2758-4555>



© O(s) Autor(es). 2018 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição-~~Non~~Comercial 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar, distribuir e reproduzir em qualquer meio, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material, desde que para fins não comerciais e que você forneça o devido crédito aos autores e a fonte, insira um link para a Licença Creative Commons e indique se mudanças foram feitas.

Introdução

"I think you travel to search and you come back home to find yourself there!"

(Chimamanda Ngozi Adichie)

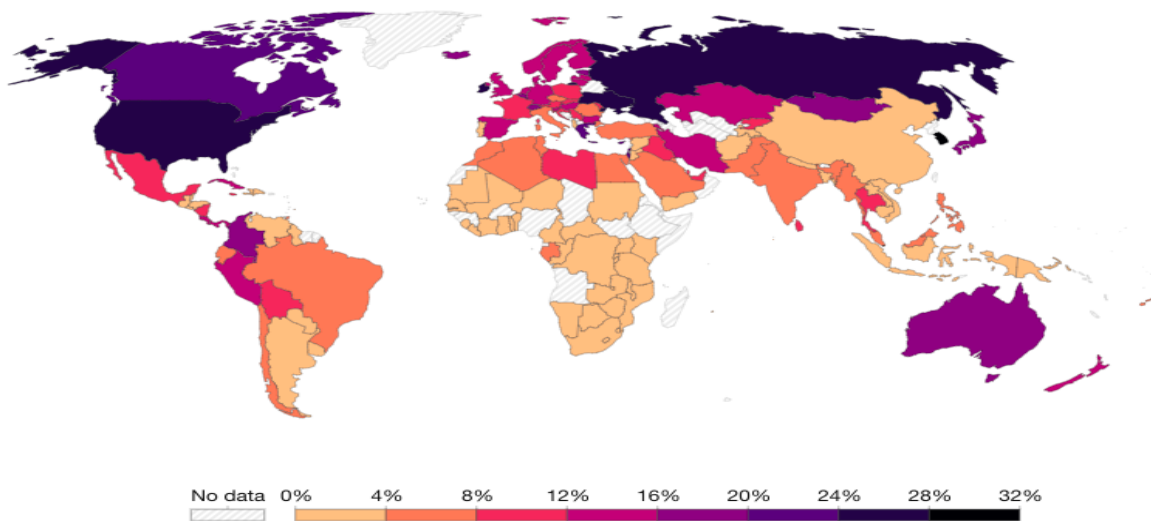
Com esta frase de Chimamanda, começamos este texto abordando a cooperação internacional. Como um tema atual e relevante, a cooperação internacional traz em si múltiplas dimensões. Primeiro, o processo de incentivo às pesquisas em cooperação internacional e o foco na estruturação de políticas de internacionalização nas instituições de ensino superior (IES) no Brasil são relativamente novos (CARVALHO; ARAÚJO, 2020). Por outro lado, a interlocução entre pesquisadores é constitutiva da própria natureza da Ciência e de seu processo de investigação, e isso não é recente². A partilha das descobertas é condição para novas investigações. Em poucas palavras, a internacionalização pode ser vista como parte de um movimento próprio das atividades de ensino e pesquisa e, portanto, como uma tendência que se forma dentro do ambiente de investigação e formação em nível superior (LEHER, 2018).

Esse processo segue um fluxo ao longo das últimas 40 décadas. Na Conferência Mundial sobre o Ensino Superior da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1998, a cooperação é definida como via para promoção do avanço da educação superior em todo o mundo, por meio da constituição de redes e intercâmbio de experiências. Se a constatação de 1998 é da necessidade de avanço da educação superior, vemos em 2010 que as desigualdades entre os países permanecem, pois a proporção da população com 15 ou mais anos que tem ensino superior completo é muito pequena (Mapa 1) – em muitos dos países periféricos, é menos de 1% (BARRO; LEE, 2021). Assim, as possibilidades de cooperação e as relações desiguais nesse processo são parte constitutiva do trabalho conjunto internacional.

¹ Tradução livre: Eu acho que você viaja para buscar algo e regressa a casa para se encontrar lá.

² Dados do Banco Mundial apontam que o número de pesquisadores envolvidos em atividades de pesquisa em todo o mundo aumentou em quase 1,5 vezes de 1996 (788 por 1 milhão) a 2015 (1.151 por 1 milhão) (BANCO MUNDIAL, 2018).

Mapa 1 – Proporção da população com 15 ou mais anos com ensino superior completo em 2010.



Fonte: Barro e Lee (2021).

A despeito disso, a Unesco (1998) defendia que uma via para tornar o conhecimento acessível a todos se daria por meio da cooperação internacional – sem questionar o tipo de educação que se ofertava e o que a cooperação internacional difundiria. Enfatizava o fomento da “cooperação Norte-Sul com vistas a se obter o financiamento necessário para fortalecer a educação superior nos países em desenvolvimento” (UNESCO, 1998). Ou seja, esse debate ocorre em um contexto marcado por crises financeiras *cíclicas* (NETTO, 2012) e por relações colonizadas.

Hobsbawn (1994) nos lembra que, no início da década de 1990, o mundo capitalista viu-se com taxas de desemprego em massa, depressões cíclicas severas, contraposição cada vez maior entre ricos e pobres.

À medida que a década de 1980 passava para a de 1990, foi ficando evidente que a crise mundial não era geral apenas no sentido econômico, mas também no político [...] Entre 1990 e 1993, poucas tentativas se fizeram de negar que mesmo o mundo capitalista desenvolvido estava em depressão. Ninguém afirmava a sério saber o que fazer a respeito, além de esperar que aquilo passasse (HOBBSAWN, 1994, p. 17-47).

É mister lembrarmos que, em termos educacionais, as décadas de 1980 e 1990 foram marcadas pela eclosão de um movimento de reformas educacionais por todo o mundo, instaurando aquilo que Hargreaves, Earl e Ryan (2001) denominam de ‘nova ortodoxia oficial’, um movimento que é caracterizado pela padronização em torno de políticas de avaliação, de financiamento, de formação de professores e de currículo, e a visão de desenvolvimento preconizada por grandes organismos financeiros internacionais como o Banco Mundial (GARCIA; FERREIRA, 2013).

No Brasil, a década de 1990 traz a internacionalização das instituições de ensino superior (IES) como um componente da educação superior. A internacionalização, nos Boletins da Capes, aparece pela primeira vez em 1994 com a exigência de “nível internacional”, com referência à produção intelectual de um curso de conceito A. Naquela época, o “nível internacional” foi a forma encontrada para diferenciar os cursos de pós-graduação, tendo em vista que um grande número desses havia atingido o nível mais alto da escala de avaliação. E o termo “inserção internacional” aparece no volume 6, número 2, do InfoCAPES de 1998 (Capes, 1998). O termo aparece relacionado à discussão sobre a **avaliação da produção intelectual**, mais especificamente sobre a diferença entre o que é **produção de nível internacional e o que é produção de circulação internacional**. Era necessário, no discurso da agência, “[...] estabelecer parâmetros para medir a inserção internacional dos programas” (FIORIN, 1998, p. 35).

A inserção da Capes do termo internacionalização como indicador (para diferenciar os programas de pós-graduação e o discurso da Unesco de cooperação como via de desenvolvimento) ocorre em um contexto de crise. Ao mesmo tempo, é mister entendermos que a cooperação internacional é um processo contraditório, que serve como

[...] instrumento de conformismo científico-tecnológico, expressão contemporânea da sociabilidade humana, [que] ao mesmo tempo em que **veicula ideologias reprodutoras das relações sociais dominantes, veicula também ideologias antagônicas e contraditórias** [...] ao mesmo tempo reprodutora das relações sociais de produção capitalista e espaço de luta de classes, para superar estas relações (NEVES, 2002, p. 23-24, grifos nossos).

Ou seja, reafirmamos aqui nossa recusa a uma educação superior na legitimação do padrão de poder colonial (QUIJANO, 2005) e reconhecemos as assimetrias existentes na arena nacional e internacional. Assim, faz-se necessária a politização do debate sobre a educação superior, bem como reconhecer que esse debate sobre a internacionalização na pós-graduação é eivado de contradições, envolvendo múltiplos sujeitos e instituições situados em tempos e espaços distintos e desiguais. Embora haja um *modus operandi* global de gestão das políticas públicas, o poder de decisão está nas mãos de poucos que, no geral, habitam os países centrais.

Em termos europeus, o processo de Bolonha³ (1999) e sua padronização do ensino superior trouxe a mobilidade de funcionários, estudantes e egressos como um de seus elementos centrais⁴, desenvolvendo a cooperação internacional entre indivíduos e instituições, como fator

³ O Processo de Bolonha tem seu marco inicial em 1998, quando ocorre um encontro de ministros da Educação de quatro países europeus (Alemanha, França, Itália e Reino Unido). E, em 1999, um novo encontro, então, com 29 países, resulta na Declaração de Bolonha, com o objetivo explícito de construir um espaço europeu de ensino superior e conduzir a uma Europa da ciência e do conhecimento.

⁴ Destacado pelos ministros responsáveis pelo ensino superior dos países participantes no Processo de Bolonha na

que contribuiria para a qualidade do ensino superior e da pesquisa (PATRICIO; HARDEN, 2010; WIELEWICKI; OLIVEIRA, 2010). Bolonha traz a premissa de criação de uma infraestrutura para um mercado global. Anos após, a Conferência Regional do Ensino Superior da América Latina e do Caribe (de 2008) e a II a Conferência Mundial de Educação Superior (CMES) (de 2009) estabeleceram que a internacionalização seria essencial para reduzir as diferenças entre os países. Mas precisamos questionar a internacionalização para que e para quem.

[...] a geoeconomia política do conhecimento configura verdadeiros centros de atração, a partir dos quais o grosso da produção científica e tecnológica vem gravitando. Os EUA são a maior potência científica e tecnológica, o maior centro de atração de ‘cérebros’ e de captação de recursos por meio de taxas estudantis; a China é a principal potência emergente, assumiu a liderança em áreas tecnológicas sensíveis e implementou agressiva política de formação de novos cientistas nos principais centros e laboratórios do mundo para alcançar níveis ainda maiores de soberania tecnológica; a Alemanha, Grã-Bretanha e França seguem como potências científicas e tecnológicas em diversas áreas industriais estratégicas (LEHER; SANTOS, 2023, no prelo, grifos nossos).

Ou seja, as diferenças entre os países em termos do desenvolvimento mascaram também outras dimensões: ao se privilegiar uma agenda de formação superior e de pesquisa em áreas de conhecimento relacionadas aos ramos produtivos preponderantes (como vemos no Brasil com a grande área vinculada ao agronegócio), reafirmam-se as desigualdades históricas entre as áreas de conhecimento (RIBEIRO *et al.*, 2020).

Há, ainda, que considerarmos algumas outras questões. Por exemplo, entre 1990 e 2016, os pesquisadores do Reino Unido estiveram frequentemente envolvidos em pesquisas europeias de políticas sociais comparativas (que incluíam também o serviço social), com financiamento da União Europeia. Com a saída do Reino Unido da União Europeia, o aporte de financiamento cessou e isso impactou a manutenção de cooperações internacionais. Há ainda aspectos vinculados a cooperações de longa duração que requerem financiamento que transcendam um único ciclo de financiamento. Para o ensino superior e a pesquisa, as perdas foram além do recurso, colocaram o Reino Unido menos atrativo para pesquisadores e estudantes europeus, além da perda de acadêmicos que estão deixando o Reino Unido (FAZACKERLEY, 2023).

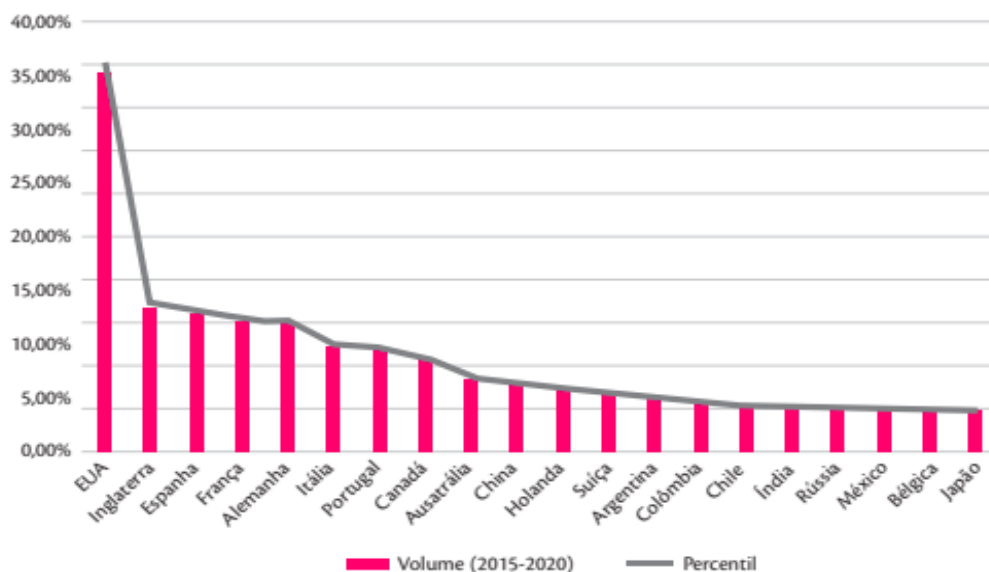
Por outro lado, as relações de solidariedade nacional e internacional ocuparão um lugar de destaque na agenda das universidades. São lutas complexas que reafirmam o compromisso das universidades públicas, gratuitas e laicas com o bem-viver dos povos (LEHER, 2008). Além disso,

5ª Conferência Ministerial de Bolonha (2007).

defendemos que a cooperação internacional também precisa ser pensada como um processo no qual as/os pesquisadoras/es se envolvem para serem melhores profissionais e seres humanos.

Assim, como um tema da agenda de pesquisa, apresenta debates que oscilam entre aspectos relacionais (BAGSHAW; LEPP; ZORN, 2007), a importância da cooperação internacional e a organização internacional da categoria (KNIEPHOFF-KNEBEL; SEIBEL, 2008), debates específicos (como no campo da saúde) (ABELL; RUTLEDGE, 2009), *de questões geracionais* (RØRSTAD; AKSNES; PIRO, 2021) e *de gênero*⁵ (AKSNES, PIRO, RØRSTAD, 2019), e, por fim, questões vinculadas à política de educação superior (GARCIA *et al.*, 2021). Acrescentaríamos aqui a pressão das agências de fomento à pesquisa e pós-graduação para a internacionalização da ciência no Brasil, condição para a mudança na posição do país nos *rankings* internacionais de produção científica. E isto fica claro no relatório “Panorama da Ciência Brasileira 2015-2020” do Observatório em Ciência, Tecnologia e Inovação (OCTI) do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2021). Esse relatório indicou que cerca de um terço da produção de artigos científicos de autores vinculados a instituições brasileiras é realizado por meio de colaboração internacional (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Distribuição percentual da participação de países na colaboração internacional dos artigos com a participação de, ao menos, um autor vinculado a uma instituição brasileira.



Fonte: CGEE (2021).

Outros dados indicaram que em 2021, em termos de cooperação educacional e

⁵ Vabø (2012) constatou que a participação entre pesquisadores homens e mulheres se expressa de forma diferente – nos Estados Unidos apenas 28% das acadêmicas do sexo feminino e 37% dos acadêmicos do sexo masculino (de todos os níveis) relatam colaborações de pesquisa com colegas internacionais; no Reino Unido, 69% dos acadêmicos masculinos e 53% das acadêmicas femininas relatam tal colaboração; na Alemanha, as proporções são de 52% para homens e 43% para mulheres acadêmicas.

mobilidade de alunos brasileiros para instituições de ensino superior estrangeiras com apoio do governo brasileiro, aproximadamente 52% foram para França e Estados Unidos. E, em termos de atração de alunos/as estrangeiros/as, 30% eram de Cabo Verde, Benim ou Moçambique. Ou seja, os dados exemplificam barreiras como o idioma para alunos e docentes envolvidos em programas de intercâmbio ou econômicas (ou dependentes de financiamento estrangeiro) (ADEFILA *et al.*, 2023[no prelo]).

Em relação à mobilidade de professores brasileiros para o exterior em 2021, os destinos mais frequentes foram Estados Unidos, Alemanha, Espanha e França. Em termos de publicação de brasileiros em colaboração internacional, esta cresceu em média 7% ao ano na última década. Em 2021, os impactos das publicações colaborativas com Japão, China e Índia foram os maiores entre os 20 principais países parceiros do Brasil. Por outro lado, os dados revelaram uma estagnação relativa do impacto da produção científica do Brasil desde 2016 (COBRADI, 2022). E Luiz Davidovich (presidente da Academia Brasileira de Ciências) nos lembrava em 2022 que isso é resultado do descaso do governo federal com a ciência e que isto repercute sobre essa estagnação. Esse sistemático desfinanciamento da educação superior repercute sobre as fontes de recursos para apoio ao processo de internacionalização. Os recursos alocados para a internacionalização foram reduzidos significativamente pelo governo Bolsonaro – em 2021, o orçamento total da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) foi 73,4% menor do que em 2015. Em um levantamento sobre mobilidade estudantil, Robles e Bhandari (2017) relataram falta de recursos financeiros para iniciativas internacionais. Assim, tomando o Brasil como exemplo, se por um lado as universidades brasileiras sofrem ano a ano com orçamento reduzido, por outro são pressionadas a aumentarem a pesquisa internacional e o intercâmbio de alunos e de docentes estrangeiros (TUMENAS, 2021). Esses aspectos comprometem o desenvolvimento da internacionalização nas IES brasileiras (ARINOLA *et al.*, 2023 [no prelo]).

Partimos do pressuposto de que a cooperação se constitui em uma associação entre pesquisadoras/es em uma relação marcada por diálogo e tomada de decisões conjuntas, resultando em definição conjunta de projetos e a partilha de custos. Mas também entendemos que há múltiplas dimensões que perpassam os processos reais de internacionalização, inserindo-se em uma realidade prenhe de contradições que perpassam o processo que equipes de pesquisadores, no cumprimento da sua atividade de pesquisa e formação, enfrentam para construir e conduzir uma agenda de trabalho em comum com colegas de diversos países. Ou seja, vivenciamos experiências de trabalho acadêmico e internacionalização, contradições similares, porém não necessariamente idênticas (GARCIA *et al.*, 2021).

Com essas questões em mente, e inseridas em uma experiência de cooperação internacional, nos propomos, neste artigo, a partir de revisão de literatura, refletir sobre o tema cooperação internacional no Serviço Social.

Para tanto, realizamos levantamento utilizando dois descritores: cooperação internacional em pesquisa e Serviço Social e cooperação internacional em pesquisa em Serviço Social (em inglês e português), nas bases de dados Scopus, nos Periódicos Capes e no Google Acadêmico. Da base Scopus (textos em inglês) foram listados 46 artigos (sem repetição), e destes, 6 tratavam sobre o Serviço Social. Na base Periódicos Capes foram listados 3.687 artigos; destes, 7 (sem repetição) tratavam do tópico em tela. Por fim, no Google Acadêmico, identificamos 3 textos sem repetição. Como critérios de inclusão, selecionamos textos que tratassem de cooperação internacional envolvendo o Serviço Social. Foram selecionados 16 artigos sem repetição. Exploramos as seguintes variáveis: país de procedência, periódico utilizado e foco dos textos. Nossa pergunta de pesquisa foi: o que o Serviço Social ao redor do mundo escreve sobre cooperação científica no Serviço Social? Que tópicos são privilegiados nesse debate? Além disso, verificamos como os relatórios de avaliação dos programas de pós-graduação da área de Serviço Social na Capes (trienais 2004, 2007, 2010 e 2013; e quadrienais 2017 e 2021) apresentam dados sobre a cooperação internacional na área.

Este texto, além desta introdução, está dividido em duas seções. Primeiro vamos refletir sobre a cooperação internacional e o que as/os autores tratam do tema, para, na segunda seção, explorar o debate no Serviço Social. Também destacaremos nesta seção questões sobre cooperação internacional a partir de dados do Serviço Social no Brasil.

Cooperação internacional em Serviço Social: um fino equilíbrio desequilibrado

Nosso ponto de partida nesta reflexão parte da vivência acumulada em cooperações Norte-Sul como também cooperações Sul-Sul. E, neste percurso, fomos constatando que sentíamos falta de textos que descrevessem os processos de cooperação. Isso foi parte dos textos que escremos sobre a temática (SPOLANDER *et al.*, 2014; SPOLANDER; GARCIA; PENALVA, 2016; GARCIA *et al.*, 2022a,b; GARCIA *et al.*, 2021; GARCIA; FERREIRA, 2023). Ou seja, vamos falar aqui como esse processo de pesquisa em cooperação internacional foi constituindo-se para nós, dialogando com os textos e com as lições que acumulamos.

Relatos de cooperação em pesquisa em serviço social na Europa, como os de van Ewijk (2011), identificam questões que desafiam os processos de cooperação internacional, tais como: encontrar um equilíbrio entre dissenso e consenso no interior da equipe; garantir uma adequada implementação e valorização dos resultados da investigação; reconhecer, respeitar e lidar com os diferentes papéis dos investigadores (DEHERTOGH; DRIESSENS; DIERCKX, 2011). Outro aspecto também é o desenvolvimento de confiança entre os membros da equipe,

assumindo postura tolerante e respeitosa com os outros (opiniões e perspectivas) (ENVULADU *et al.*, 2022). Os autores acrescentam que, muitas vezes, as parcerias não têm conhecimento prévio de todas as pessoas das equipes. Quando ingressamos nessa cooperação, não conhecíamos seus membros e o processo de estranhamento foi quase instantâneo. Esse estranhamento era de várias ordens: dificuldades de comunicação, divergências teóricas e direcionamentos definidos pela agência financiadora do projeto. Nossas dificuldades se encontravam com o relatado por Engelbrecht *et al.* (2014), que referem que, apesar dos benefícios, esse é um processo crivado por vários desafios, tais como: obstáculos ao financiamento e dificuldades de comunicação. Outro aspecto é o foco nos produtos da cooperação, e não no processo dessas cooperações internacionais de pesquisa. Além disso, formar uma equipe de pesquisa não garante os resultados de pesquisa desejados – o processo de gerenciamento da pesquisa é igualmente importante.

Acrescentaríamos aqui outro aspecto pouco destacado nos artigos: as aventuras e desventuras vividas por pesquisadoras/es em longas viagens e períodos fora de casa e do trabalho em suas universidades (só quem se aventura sabe do que estamos falando). Ou seja, os artigos sobre pesquisa em cooperação internacional encobrem os desafios do processo, preferindo discutir os resultados. Há também questões de desigualdade em termos de poder. Por exemplo, pesquisadores africanos e brasileiros têm dificuldades para acessar o financiamento da pesquisa, ou há desigualdades no aporte de recursos entre as agências de fomento (vemos isso nos editais do CNPq e da União Europeia, por exemplo).

Em termos metodológicos, as pesquisas participativas e suas variantes requerem um esforço para compreender e desvendar profundamente desigualdades de poder enraizadas embutidas nas relações internas/externas (STOECKER, 1999). É também um processo que requer a construção coletiva do objeto de estudo a ser pesquisado. O tempo aqui é vital para o desenho metodológico; tempo que muitos pesquisadores não têm disponível. Essas assimetrias se expressam ainda por agendas muitas vezes determinadas pelas agências de financiamento e por relações verticalizadas no processo de tomada de decisão.

Formulações passo a passo aplicando princípios-chave, começando com uma compreensão do contexto, abrangendo o recrutamento e a utilização de apoio e demonstrando compromisso com o envolvimento sustentado e a disseminação de respostas programáticas culturalmente relevantes, é uma dinâmica que requer tempo e envolvimento das/os pesquisadoras/es, nem sempre possível considerando as condições de trabalho atuais as universidades.

Shaw (2019, 2020), em sua experiência em uma rede de pesquisa internacional, reflete

que a permanência desta se deu porque continha uma diversidade mutuamente crítica. Por outro lado, este mesmo autor chama a atenção das desigualdades nesse campo, entre elas, as restrições em termos nacionais. Cerca de 95 a 98 por cento das citações em periódicos dos EUA por estudiosos dos EUA são de outros estudos dos EUA (SHAW, 2014). Ou seja, a definição dos veículos de comunicação científica também expressam assimetrias nesse campo.

Para esse autor, o Serviço Social precisa reconhecer que a pesquisa internacionalmente deve assumir diversas formas, e não se restringir a um modelo padrão qualquer, à medida que a pesquisa em um *scopo* internacional permite a investigadores e profissionais compartilhem conhecimentos e recursos.

Por outro lado, o desafio de interpretar o Serviço Social a partir de uma perspectiva crítica e radical em um contexto internacional requer uma compreensão das diferenças presentes na profissão nos diferentes países (e suas tradições) (SPOLANDER *et al.*, 2014). É mister também compreender a formação social, econômica e política e o estágio de desenvolvimento na dinâmica capitalista de cada país envolvido na cooperação.

Assim, a seguir, debateremos a questão da cooperação internacional no Serviço Social.

A cooperação internacional no Serviço Social de dentro para fora e de fora para dentro

A superação de fronteiras tem sido um elemento central no desenvolvimento do Serviço Social no mundo, desde seus primórdios no final do século XIX e início do século XX (KNIEPHOFF-KNEBEL; SEIBEL, 2008). Essas autoras destacam dois aspectos: o papel feminino nesse processo e a influência que teve no desenvolvimento de organizações sociais internacionais. Em termos de perfil das/os assistentes sociais, a questão de gênero se faz presente: nos Estados Unidos 83% dos assistentes sociais são sexo feminino (COUNCIL ON SOCIAL WORK EDUCATION, 2017); no Reino Unido, em torno de 84% (BASW, 2016); e no Brasil são um pouco mais de 92% (CFESS, 2022).

A cooperação é intrínseca ao Serviço Social (ABELL; RUTLEDGE, 2009) no processo de pesquisa e intervenção, “[...] compartilhando recursos, poder e autoridade” (GRAHAM; BARTER, 1999, p. 7).

O crescimento da cooperação internacional no Serviço Social (DAS; ANAND, 2014; JONES; TRUPELL, 2012; KREITZER *et al.*, 2012; TAYLOR; SHARLAND, 2015) destaca a importância e os esforços que estão sendo feitos por pesquisadoras/es ao redor do mundo. Há ainda pressão derivada da Agenda Global (JONES; TRUPELL, 2012). Para esses autores, a conjuntura marcada por

[...] recessão mundial, a globalização dos sistemas econômicos, o aumento da desigualdade dentro e entre nações, movimentos migratórios extensos, aumento de pandemias, mudanças climáticas, catástrofes naturais e novas formas de conflito, obrigam o Serviço social [...] a encontrar novas formas de responder a novas realidades (JONES; TRUPELL, 2012, p. 5).

A “internacionalização”, como resultado da ascensão da política neoliberal e competição de pesquisa (KIM, 2009), resulta também processos quantitativos de avaliação focados menos no conteúdo da produção acadêmica e mais no veículo em que são publicadas e no número de citações que coleta (ENGWALL, 2008). Barata (2019, p. 2), referindo-se à realidade da avaliação da pós-graduação no Brasil, afirma:

[...] o uso cada vez mais acrítico dos indicadores quantitativos; a tendência de avaliar o desempenho dos programas por meio do desempenho individual dos docentes ao invés de tomar o programa em si como unidade de análise; o engessamento dos programas que se guiam mais pelo alcance dos critérios do que pela busca permanente da qualidade.

Os editais de financiamento de pesquisas também centram os critérios sobre indicadores de publicação em língua inglesa, em periódicos melhor ranqueados. No Europass (currículo *vitae* para editais da União Europeia) dois itens se destacam: publicação e premiações de cada pesquisador/a.

Por outro lado, e também parte desse processo, as/os pesquisadoras/es envolvidos vêm produzindo uma nova geração de pesquisadores com experiências internacionais em Serviço Social (SPOLANDER; GARCIA; PENALVA, 2016). Essa nova geração, ao interagir com pesquisadores internacionais, vivencia processos importantes em sua formação.

Concordamos com Spolander, Garcia e Penalva (2016), que ressaltam a necessidade de problematizarmos quanto ao propósito, à natureza e à utilização das cooperações internacionais, que incluem as condições e relações de trabalho das/os docentes, que incluem a sobrecarga de trabalho e sofrimento psíquico presente na realidade das universidades. Almer (2018) indica que as transformações estruturais implementadas nas universidades afetaram as condições de trabalho e resultam em intensificação e extensão do trabalho, confusão entre trabalho e tempo livre, precarização, autoexploração e automarketing. Prasad *et al.* (2018) destacam os efeitos negativos para a saúde de docentes universitários, tais como estresse, depressão e insegurança. Por isso, nacional e internacional, a preocupação e o cuidado com a saúde mental é parte do processo de cooperação.

Cooperação internacional do Serviço Social desde o Brasil

As relações internacionais são constitutivas da história e trajetória do Serviço Social no Brasil e no mundo⁶ – nas décadas de 1950/1960, havia um intercâmbio entre profissionais

6 Por exemplo, a Associação Internacional de Escolas de Serviço Social (IASSW) – organização mundial de escolas de serviço social – foi criada na primeira Conferência Internacional de Serviço Social, em Paris em 1928, contou com a presença de mais de 2.400 delegados de 42 países, também resultou no estabelecimento de duas organizações parceiras, o Conselho Internacional de Bem-Estar Social (ICSW) e a Federação Internacional de

brasileiros e americanos, que ocorria por meio de instituições como Serviço Social da Indústria e conferências internacionais (IASSW, 2023).

No caso do diálogo no contexto latino-americano, esse remete às décadas 1960-1970 do século XX na América Latina. O Centro Latino-Americano de Trabalho Social e a Associação Latino-Americana de Escolas de Serviço Social (Celats-Alaets) – hoje Alaets – desempenharam um papel exemplar na introdução do pensamento crítico no Serviço Social na América Latina vinculado aos interesses das classes subalternas, quando a pós-graduação e a pesquisa acadêmica davam seus primeiros passos nessa área (CARDOSO; CESAR, 2015).

Montaño (2011, p. 766) refere

[...] a forte presença do debate brasileiro nos eventos internacionais (desde meados dos anos 1960), na revista *Acción Crítica* (da Alaets-Celats, desde 1979), no mestrado latino-americano em Honduras, coordenado pelo Celats (desde 1978), além da participação intensa nos diversos cargos na Alaets (Associação Latino-Americana de Escolas de Trabalho Social) e no Celats (Centro Latino-Americano de Trabalho Social).

Com a criação dos programas de pós-graduação no Brasil (mestrado a partir da década de 1970 e doutorado a partir dos anos 1980) (GARCIA; NOGUEIRA; FORTI, 2016), essa relação se expande, com a vinda de pesquisadores da América Latina para a formação em nível de pós-graduação no Brasil. Prates e Carraro (2019, p. 10, grifos nossos), em pesquisa sobre internacionalização dos PPGs da área de Serviço Social, apontam que as

[...] principais dificuldades encontradas pelos PPGs: **escassos recursos** disponíveis para estimular a participação de alunos e professores em eventos internacionais e custear a tradução de artigos para línguas estrangeiras; **poucos editais que financiam processos de internacionalização** e notadamente a **dificuldade de domínio de línguas estrangeiras** por professores e alunos, em especial a língua inglesa.

Recursos escassos e insuficientes para financiamento da internacionalização e barreiras linguísticas aparecem novamente retratados à medida que pensamos as cooperações com países de língua inglesa (5% dos brasileiros falam inglês e, dentro desse índice, 1% possui fluência total no idioma).

A cooperação internacional nos relatórios de avaliação da área de Serviço Social na Capes

Em uma revisão dos três relatórios trienais (2004, 2007, 2010 e 2013) e dois quadrienais (2017 e 2021), vemos que a internacionalização assume progressivamente papel de destaque. Em 2004 e 2007 o destaque é dado ao crescimento e amadurecimento da área de Serviço Social

Assistentes Sociais (IFSW).

na Capes, com ampliação de convênios para intercâmbios acadêmicos – com instituições nacionais e internacionais, com um corpo docente composto de doutores (alguns com pós-doutorado desenvolvido no exterior). Merecem destaque nessa inserção internacional os programas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com atração de estudantes de países da América Latina e de Portugal (CAPES, 2004).

De acordo com Coelho e Guedes (2021, p. 549) a:

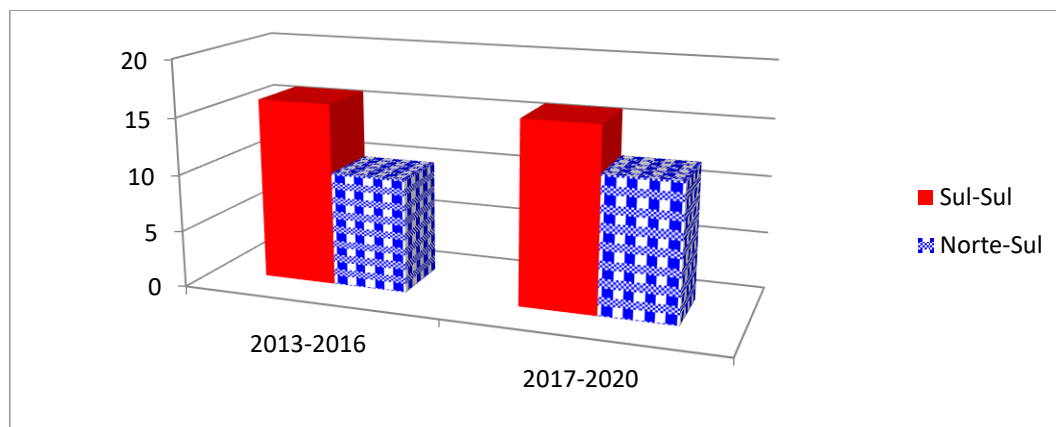
[...] relação entre o Serviço Social brasileiro e o português se intensificou em determinados momentos da trajetória sócio-histórica da profissão nos dois lados do continente [...] o momento em que foram firmados os protocolos de cooperação científica entre a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e as escolas portuguesas, o qual representou relevante contribuição para o reconhecimento do Serviço Social como licenciatura em Portugal na década de 1980.

Por outro, o relatório de 2007 destaca a **necessidade de os programas diversificarem sua produção**, privilegiando os níveis nacional e internacional. Também ressalta que a produção bibliográfica do Serviço Social circula, nacional e internacionalmente, principalmente nos diversos países da América Latina, em países europeus, com destaque a Portugal, e em países de língua portuguesa da África, contribuindo para o conhecimento da questão social e das políticas sociais na contemporaneidade, bem como para o avanço teórico-metodológico do Serviço Social (CAPES, 2007).

No relatório em 2010, a área apontava que os programas de pós-graduação mantinham intercâmbios com países da América Latina (Argentina, Chile, Uruguai e Colômbia), África (Moçambique, Angola e Cabo Verde) e Europa (França, Itália, Portugal e Inglaterra). Entretanto, esse relatório destacava que as redes de pesquisa requeriam maior estruturação (CAPES, 2010).

Nos relatórios da trienal 2013 e quadrienal 2017, as cooperações internacionais realizadas pela área reafirmam o compromisso com o fortalecimento do Serviço Social na América Latina, na África e em Portugal e na Espanha. A internacionalização para a área significa o exercício da ação colaborativa com os continentes e o espraiamento de uma dada concepção da profissão. Escolas de Serviço Social brasileiro colaboram com a estruturação (ou reestruturação) de escolas de Serviço Social nesses países. Assim, as cooperações na área majoritariamente se estruturam no modelo sul-sul (Gráfico 1), com tendência recente de cooperações norte-sul.

Gráfico 1 – Cooperações internacionais dos PPGs da área de Serviço Social na Capes (quadrienais 2013-2016 e 2017-2020).

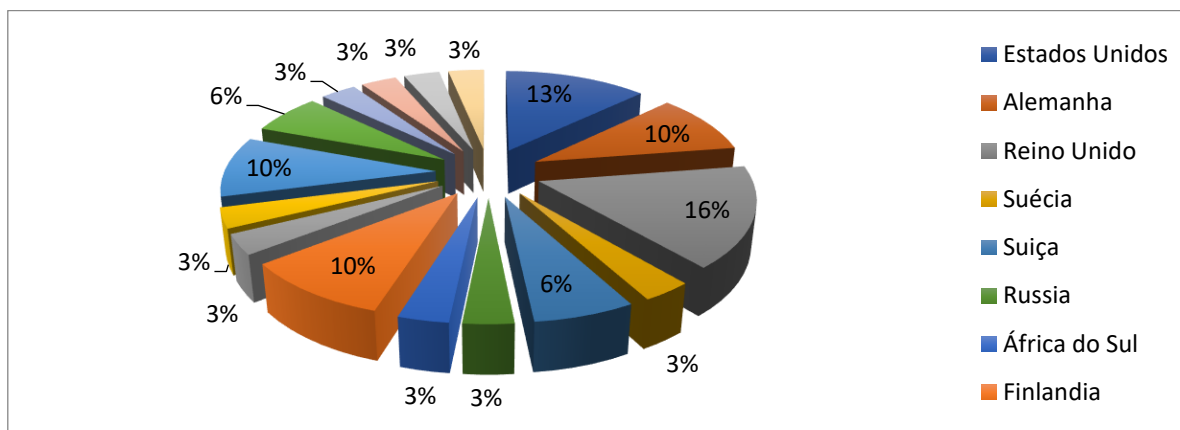


Fonte: Relatório da área de Serviço Social nas quadrienais 2013-2016 e 2017-2020. Sistematização dos autores (2023).

A cooperação internacional em pesquisa: o que dizem os artigos?

Os textos selecionados são majoritariamente de língua inglesa e com autores procedentes dos países centrais (Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido – 39%). O Brasil respondeu por 10% (com produções em parceria do tipo norte-sul e 1 de autoras brasileiras) (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Nacionalidade dos autores dos artigos selecionados



Fonte: Scopus, Portal de periódicos Capes e Google Acadêmico. Sistematização dos autores (2023).

63% dos autores eram do sexo feminino e 37% masculino. Ou seja, a relação foi de quase 2 autoras por autor. É mister aprofundar esse debate em termos de problematizações futuras. Em termos dos periódicos utilizados, destacam-se *journals* em inglês, vinculados a editoras como Sage (3), Taylor e Francis (4), Bristol University press (2), OJS (2), Oxford Academic (2), Wiley Online Library (1), Elsevier (1) e Scielo (1). Ou seja, entre os periódicos destacam-se 5 das 10 principais editoras mundiais (Elsevier, Springer, Wiley, Taylor & Francis

(T&F), Sage, Oxford University Press (OUP), American Chemical Society (ACS), Wolters Kluwer (Kluwer), Institute of Electrical and Electronics Engineers (IEEE) e Royal Sociedade de Química (RSC)) (SANG-JUN; PARK, 2020).

Dessa lista, destacamos dois periódicos:

a) Social Work Journal, editado pelo National Association of Social Work (NASW) e divulgado pela Oxford University Press, que é considerado o primeiro periódico do Serviço Social (criado em meados dos anos 1950)⁷;

b) European Social Work Research, criado em 2022 e publicou seu primeiro número em 2023.

Tabela 1 – Periódicos utilizados para publicação

Nome do periódico	N.
International social work	3
Social work education	2
European Social Work Research	2
Transnational Social Review: A Social Work Journal	1
The British Journal of Social Work	1
Social work & society	1
Social work (New York)	1
Serviço Social & Sociedade	1
Revista de Políticas Públicas (UFMA)	1
Critical and radical social Work	1
Conflict resolution quarterly	1
Children and Youth Services Review	1

Fonte: Scopus, Capes periódicos e Google acadêmico. Sistematização dos autores (2023).

Cinco artigos descrevem aspectos do processo de cooperação, como pode-se observar nestes recortes: “O artigo fornece “insights práticos e reflexões sobre o projeto de diálogo internacional que provou ser uma experiência de aprendizado perspicaz para alunos e funcionários” (JULKUNEN; RUCH; NURMI, 2022); “[...] reflete criticamente sobre a experiência da pesquisa em um contexto internacional a partir de um processo de cooperação envolvendo equipes da Universidade Federal do Espírito Santo, da Universidade de Coventry, da Universidade Robert Gordon e da Universidade de Havana” (GARCIA *et al.*, 2022); “Em nosso trabalho internacional em vários continentes e representando diferentes disciplinas, entre si e com os outros, vivemos a alegria de colaboração, bem como refletimos sobre seu lado

⁷ Informações disponíveis na página do periódico, disponível no link: <https://academic.oup.com/sw/pages/About>.

Conclusão

O artigo enfatizou a internacionalização como um processo que faz parte do Serviço Social. Entretanto, as relações assimétricas entre os países centrais e periféricos repercute sobre o fluxo desse processo, que engloba desde a delimitação do foco das pesquisas até as relações no interior das equipes, passando pelo financiamento.

Todo esse percurso traz alguns pontos para reflexão: a direção e os processos de internacionalização nos indicam pontos fundamentais para adensarmos o debate no Brasil. Por outro lado, é mister ampliarmos a produção bibliográfica sobre o tema, a começar pelo o Brasil. Tal assertiva se sustenta ante a pressão pela internacionalização dos programas de pós-graduação no Brasil e pela ausência de financiamentos que sustentem as ações de internacionalização.

Concluimos parafraseando Adichie: nossa viagem permite olhar nossa realidade e repensar os caminhos pelos quais a cooperação em pesquisa internacional na área deve ser problematizada e adensada. Precisamos definir coletivamente os novos rumos e desafios da cooperação internacional.

Referências bibliográficas

- ABELL N; RUTLEDGE, SE. Awareness, acceptance and action: Developing mindful collaborations in international HIV/AIDS research and service. *British Journal of Social Work*, v. 40, n. 2, p. 656-675, maio 2009. DOI: [10.1093/Bjsw/Bcp047](https://doi.org/10.1093/Bjsw/Bcp047).
- ADEFILA, A. *et al.* Evaluating International student experience in Brazil. [2023?]. No prelo.
- AKSNES, D. W.; PIRO, F. N.; RØRSTAD, K. Gender gaps in international research collaboration: a bibliometric approach. *Scientometrics*, 120, p. 747-774, jun. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s11192-019-03155-3>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- ALMER, T. Precarious, Always-On and Flexible: A Case Study of Academics as Information Workers. *European Journal of Communication*, v. 33, n. 4, p. 381-395, jun. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0267323118783794>>. Acesso em: 5 maio de 2023.
- BARATA, R. B. Mudanças necessárias na avaliação da pós-graduação brasileira. *Interface*, Botucatu, n. 23, e180635, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.180635>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- BARRO, R. J.; LEE, J-W. *Educational Attainment Data from 1950 to 2010*. 2021. Disponível em: <<http://www.barrolee.com/>>. Acesso em: 5 maio de 2023.
- BAGSHAW, D.; LEPP, M.; ZORN, C. R. International research collaboration: Building teams and managing conflicts. *Conflict Resolution Quarterly*, 24, p. 433-446, jul. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/crq.183>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- BASW. *The Great Divide*. 2016. Disponível em: <https://www.basw.co.uk/system/files/resources/basw_85441-5_0.pdf>. Acesso em: 5 maio 2023.
- CAPES. *INFOCAPES*: Boletim Informativo da Capes, v. 6, n. 2, abr./jun. 1998. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/1998INFOCAPESn21998.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2023.

- CAPES. *Relatório de avaliação da área de Serviço Social*. Trienal 2004. Brasília: Capes, 2004.
- CAPES. *Relatório de avaliação da área de Serviço Social*. Trienal 2007. Brasília: Capes, 2007.
- CAPES. *Relatório de avaliação da área de Serviço Social*. Trienal 2010. Brasília: Capes, 2010. Disponível em: <<http://trienal.capes.gov.br/wp-content/uploads/2011/01/SERVI%C3%87O-SOCIAL-RELAT%C3%93RIO-DE-AVALIA%C3%87%C3%83O-FINAL-jan11.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- CAPES. *Relatório de avaliação da área de Serviço Social*. Trienal 2013. Brasília: Capes, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/avaliacao-trienal-2013/03022022_SevioSocial.pdf>. Acesso em: 5 maio 2023.
- CAPES. *Relatório de avaliação da área de Serviço Social*. Quadrienal 2017. Brasília: Capes, 2017. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/20122017-servico-social-quadrienal-pdf>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- CAPES. *Relatório de avaliação da área de Serviço Social*. Quadrienal 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/19122022_RELATORIO_AVALIACAO_QUADRIENAL_comnotaServioSocial.pdf>. Acesso em: 5 maio 2023.
- CARDOSO, I. C. C.; CESAR, M. J. Revisitando um clássico da interlocução do Serviço Social com a tradição marxista. *Em Pauta*, Rio de Janeiro, 1. semestre, n. 35, v. 13, p. 225- 247, 2015.
- CARVALHO, S. B. R. de; ARAÚJO, G. C. de. Gestão da internacionalização das instituições de ensino superior. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 25, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/3920>>. Acesso em: 23 maio 2023.
- CFESS. *Perfil de assistentes sociais no Brasil: formação, condições de trabalho e exercício profissional*. 2022. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/2022Cfess-PerfilAssistentesSociais-Ebook.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- CGEE. Panorama da ciência brasileira: 2015-2020. *Boletim Anual OCTI*, ano 1, jun. 2021. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/11009696/CGEE_Pan_Cie_Bra_2015-20.pdf>. Acesso em: 5 maio 2023.
- COBRADI. *A Cooperação educacional e científica brasileira em foco: Relatório COBRADI 2021*. Brasília: IPEA, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11621/1/Relatorio_Cobradi_2021_A_coo_peracao_Educacional_PublicacaoPreliminar.pdf>. Acesso em: 5 maio 2023.
- COELHO, K. F.; GUEDES, O. de S. O legado da cooperação científica entre o curso de Serviço Social da PUC-SP e escolas portuguesas. *Serviço Social & Sociedade*, n. 142, p. 549-567, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-6628.264>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- COUNCIL ON SOCIAL WORK EDUCATION. *Profile of the Social Work workforce*, 2017. Disponível: <<https://www.socialworkers.org/LinkClick.aspx?fileticket=wCttjrHq0gE%3D&portalid=0>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- DAS, C.; ANAND, J. C. Strategies for critical reflection in international contexts for social work students. *International Social Work*, v. 57, n. 2, p. 109–120, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0020872812443693>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- DEHERTOGH, B; DRIESSENS, K; DIERCKX, D. Two birds of a feather? Collaboration in social work research in Europe. *European Journal of Social Work*, v. 12, n. 1, p. 1-9, 2011.
- ENGELBRECHT, L. *et al.* Reflections on a process model for international research collaboration in social work. *International Social Work*, v. 59, n. 4, p. 438-451, 2014. Disponível em:

- <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0020872814531305>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- ENGWALL, L. The university: a multinational corporation? In: ENGWALL, L., WEAIRE, D. (eds.). *In the university in the market. Proceedings of a symposium in Stockholm*, London: Portland Press, 2008.
- ENVULADU, E. A. *et al.* International Research Collaboration During the Pandemic: Team Formation, Challenges, Strategies and Achievements of the African Translational Research Group. *International Journal of Qualitative Methods*, 21, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/16094069221115504>>. Acesso em: 5 janeiro 2023.
- FAZACKERLEY, A. Brexit causes collapse in European research funding for Oxbridge. *The Guardian*, 4 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/education/2023/feb/04/brexit-causes-collapse-in-european-research-funding-for-oxbridge-universities>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- FIORIN, J. L. Considerações em torno do novo processo de avaliação. *INFOCAPES – Boletim Informativo da CAPES*, Brasília, DF, v. 6, n. 2, p. 33-35, abr./jun. 1998.
- GARCIA, M. L. T.; NOGUEIRA, V. M. R.; FORTI, V. L. *Documento de Área Serviço Social*. Brasília, DF: Capes, 2016. Disponível em: <<http://capes.gov.br/images/documentos/Documentos de area 2017/32 SSOC docarea 2 016.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- GARCIA, M. L. T. *et al.* Internacionalização, excelência na formação e novas parcerias em pesquisa: o caso da relação Ufes-Coventry. In: WASSEM J.; PEREIRA, E. M. de A; FERREIRA, E. B. (org.). *Novos e velhos desafios da internacionalização da Educação Superior na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume, 2021, v. 1, p. 147-178.
- GARCIA, M. L. T. *et al.* Cooperação internacional: reflexões sobre uma experiência de 10 anos. *Revista de Políticas Públicas da UFMA*, v. 26, p. 725, 2022a.
- GARCIA, M. L. T. *et al.* De Colaboração à Cooperação internacional em Serviço Social: desafios à vista desde o Brasil. In: REIDEL, T. *et al.* (org.). *Serviço Social: Perspectivas Internacionais sobre Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional*. São Paulo: Alexa Cultural, 2022b, v. 1, p. 183-210.
- GARCIA, M. L. T.; FERREIRA, E. B. Internacionalização da Pós-Graduação: para quê? Para quem? Como? *Argumentum*, v. 15, n. 2. No prelo.
- GRAHAM, J. R.; BARTER, K. Collaboration: A Social Work Practice Method. *Families in Society*, v. 80, n. 1, p. 6-13, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1606/1044-3894.634>>. Acesso em: 8 jan. 2023.
- HARGREAVES, A.; EARL, L.; RYAN, J. *Educação para mudança: recriando a escola para adolescentes*. São Paulo: Artmed, 2001.
- HOBBSAWN, E. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- IASSW. Brief history. 2023. Disponível: <<https://www.iassw-aiets.org/about-iassw/brief-history/>>. Acesso em: 4 maio 2023.
- JONES, D. N.; TRUPELL, R. (2012). The global agenda for social work and social development: A place to link together and be effective in a globalized world. *International Social Work*, 55(4), 454-472. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0020872812440587>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- JULKUNEN, I.; RUCH, G.; NURMI, A. Social work in a superdiverse society: an exploration of cooperation in professional practice. *European Journal of Social Work*, 2022. Disponível em: <[10.1080/13691457.2022.2066634](https://doi.org/10.1080/13691457.2022.2066634)>. Acesso em: 5 maio 2023.
- KIM, T. Transnational academic mobility, internationalization and interculturality in higher education. *Intercultural Education*, v. 20, n. 5, 395-405, 2009. Disponível em:

<<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14675980903371241>>. Acesso em: 8 jan. 2023.

- KNIEPHOFF-KNEBEL, A.; SEIBEL, F. W. Establishing international cooperation in social work education: The first decade of the International Committee of Schools for Social Work (ICSSW). *International Social Work*, v. 51, n. 6, p. 790-812, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0020872808095251>>. Acesso em: 8 jan. 2023.
- KREITZER, L. et al. Canadian and EU social work students in a cross-cultural program: What they learned from the experience. *International Social Work*, v.55, n. 2, p. 245-267, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0020872811427047>>. Acesso em: 8 jan. 2023.
- LEHER, Roberto. *Universidade e heteronomia cultural no capitalismo dependente: um estudo a partir de Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- LEHER, R.; SANTOS, M. R. S. Geoeconomia política do conhecimento e os desafios para a internacionalização da pós-graduação. *Argumentum*, v. 15, n. 2, [2023?]. No prelo.
- LOMBE, M et al. A. From rhetoric to reality: planning and conducting collaborations for international research in the global south. *Soc Work.*, v. 58, n.1, p. 31-40, jan. 2013. DOI: 10.1093/sw/sws056.
- MONTAÑO, C. A pós-graduação e a pesquisa no Serviço Social latino-americano: uma primeira aproximação. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 108, p. 762-780, out./dez. 2011.
- NETTO, J. P. Crise do capital e consequências societárias. *Serv. Soc. Soc.*, n. 111, p. 413-429, jul. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-66282012000300002>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- NEVES, Lúcia Maria Wanderley. *Educação e política no Brasil de hoje*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- PATRICIO, M.; HARDEN, R. The Bologna Process: A global vision for the future of medical education. *Medical teacher*, n. 32, p. 305-315, 2010.
- PRATES, J. Cruz; CARRARO, Giselle. Os processos de internacionalização da área do Serviço Social na formação pós-graduada. *Anais [...]*. Brasília, DF: ABEPSS, 2018.
- QUIJANO, A. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- RIBEIRO, D. B. et al. Financiamento à ciência no Brasil: distribuição entre as grandes áreas do conhecimento. *R. Katál.*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 548-561, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1982-02592020v23n3p548/44332>>. Acesso em: 8 jan. 2022.
- ROBLES, C.; BHANDARI, R. *Higher education and student mobility: a capacity building pilot study in Brazil*. New York: Institute of International Education, 2017.
- RØRSTAD, K., AKSNES, D. W.; PIRO, F. N. Generational differences in international research collaboration: A bibliometric study of Norwegian University staff. *PLoS ONE*, v. 6, n. 11, e0260239, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0260239>>. Acesso em: 8 jan. 2022.
- SANG-JUN, K., PARK, K. S. Market share of the largest publishers in Journal Citation Reports based on journal price and article processing charge. *Sci Ed*, v. 7, n. 2, p. 149-155, 2020.
- SCHILLING, S. et al. International Cooperation in Social Work: Some Reflections on a Swiss-Russian Cooperation Project. *Social Work & Society*, v. 11, n.1, p. 1-10, 2013.
- SHAW, I. A science of social work? Response to John Brekke, Research on Social Work Practice, v. 24, n. 5, p. 524-526, 2014. DOI: 10.1177/1049731514543408.
- SHAW, I. *Research and the Social Work Picture*. Bristol: Policy Press, 2019.
- SHAW, I. The nature and disposition of a traditional network: a paradoxical case. *European Journal of Social Work*, v. 23, n. 4, p. 606-621, 2020. DOI: 10.1080/13691457.2018.1530645.

- SHAW, I. International collaboration in social work research. *European Social Work Research*, v. 1, n.1, p. 36-46, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1332/MIAT2784>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- SPOLANDER *et al.* The implications of neoliberalism for social work: Reflections from a six-country international research collaboration. *International Social Work*, v. 57, n. 4, p. 301-312, 2014.
- SPOLANDER, G., GARCIA, M. L. T; PENALVA, C. Reflections and challenges of international social work research. *Critical and radical social work*, v. 4, n. 2, p.169-183. Disponível em: <<https://doi.org/10.1332/204986016X14651166264273>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- STOECKER, R. Are Academics Irrelevant?: Roles for Scholars in Participatory Research. *American Behavioral Scientist*, v. 42, n. 5, p. 840-854, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/00027649921954561>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- TAYLOR, B. J., & SHARLAND, E. The Creation of the European Social Work Research Association. *Research on Social Work Practice*, v. 25, n.5, p. 623–627, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1049731514558686>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- TUMENAS, F. Financiamento das universidades líderes nos rankings internacionais, um caminho para as universidades públicas brasileiras? *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 26, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/4664>>. Acesso em: 23 maio 2023.
- UNESCO. *Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: visão e ação*. Paris, 1998. Disponível em: <<http://www.nepp-dh.ufrj.br/onu12-2.html>>. Acesso em: 5 maio 2023.
- VABØ, A. Gender and International Research Cooperation. *International Higher Education*, n. 69, p. 19-20. <https://doi.org/10.6017/ihe.2012.69.8637>. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/8637>. Acesso em: 12 maio 2023.
- WALDIS, B.; DUFF, D. The dynamics of transnational research collaboration illustrated by a project on social media in poverty reduction. *Transnational Social Review*, v. 7, n. 2, p.174-187, 2017. Disponível em: <[10.1080/21931674.2017.1314613](https://doi.org/10.1080/21931674.2017.1314613)>. Acesso em: 12 maio 2023.
- WIELEWICKI, H. G.; OLIVEIRA, M. R. Internacionalização da educação superior: Processo de Bolonha. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 215-234, abr./jun. 2010.
- WORLD BANK. *World Development Indicators Database*. Researchers in R&D (per million people), 2018. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/grapher/researchers-in-rd-per-million-people>>. Acesso em: 5 maio 2023.